"BOLA NO CHÃO, NO PÉ, É FUTEBOL": DA PAIXÃO NACIONAL À PAIXÃO ESCOLAR

Ms. ELIENE LOPES FARIA
Dep. de Educação Física/UFOP

RESUMO

Este texto é parte de uma pesquisa que buscou compreender a produção de usos e significados do esporte na escola. O estudo revelou, dentre as muitas apropriações, tensões e ambigüidades do esporte escolar, uma inserção acentuada do futebol no cotidiano das aulas de educação física – em muitos momentos o esporte nas aulas é sinônimo de futebol –, sendo ele marcado por práticas de competição e ludicidade.

PALAVRAS-CHAVE: futebol, cultura, escola, apropriação.

Em pesquisa realizada em duas escolas municipais de Belo Horizonte,[1] pude observar que o esporte é eleito como conteúdo majoritário das aulas de Educação Física, ou seja, possui destaque sobre outros conteúdos de ensino (a dança, a ginástica, os jogos, etc.). Contudo, observei também que, para as diferentes modalidades esportivas, há diferentes formas de inserção nas aulas, o que pode significar pistas para a compreensão do esporte.

A pesquisa do cotidiano das aulas de Educação Física permitiu formular questões como: por que o futebol é o esporte mais presente nas aulas de Educação Física? Por que o voleibol, mesmo estando presente no cotidiano das aulas, é menos valorizado (principalmente pelos alunos), assumindo lugar de marginalidade? Por que professores têm dificuldade de inserir outras modalidades esportivas nas aulas (por exemplo, basquete e handebol), sendo o futebol motivador de intensos processos de tensão e relações de poder nas aulas de Educação Física?[2] Perguntas como essas, formuladas a partir da observação do cotidiano escolar, podem problematizar a compreensão do esporte como bloco monolítico de práticas, além de colocar em relevo a possibilidade de ele ser melhor compreendido a partir de sua interpretação no plano da cultura.

Há diferenças significativas, na inserção de cada modalidade esportiva nas aulas das escolas pesquisadas. Se o futebol e o vôlei são, sem dúvida, as práticas esportivas que mais penetram nas aulas de Educação Física, é fato que o voleibol, em raros momentos, é tema/prática central – o futebol é o esporte de destaque no cotidiano. Sendo uma prática realizada à margem do futebol, o lugar que o vôlei parece ter conquistado é o de "banco de espera" do futebol – em muitos momentos da escolarização, ele parece se resumir em prática esportiva reservada

[1] Realizada em duas escolas da rede municipal de Belo Horizonte, com turmas do terceiro ciclo de escolarização, em 1999, essa pesquisa buscou compreender usos e significados do esporte na escola (aulas de educação física, recreios, entradas para a escola, saída da escola, campeonatos escolares). Contudo, neste texto optei por centralizar o debate nas práticas de futebol das aulas de educação física, pois essa modalidade esportiva era hegemônica nas aulas

[2] Nas escolas pesquisadas, os alunos resistiam não somente à ginástica, à dança... eles resistiam a práticas esportivas menos presentes no cenário cultural brasileiro (handebol e basquete).

aos excluídos do futebol.[3] Outras modalidades esportivas possuem *status* de maior inferioridade na Educação Física em relação ao futebol: a manifestação do handebol e do basquete é uma raridade em uma das escolas observadas e inexistente dentre as práticas da outra escola.

Não há dúvidas com relação às múltiplas diferenças entre as aulas de Educação Física dessas escolas, porém é no trato do conteúdo futebol que suas práticas mais se aproximam: os alunos e alunas "simplesmente" jogam futebol.[4] Chama atenção o fato de o futebol, nas aulas de Educação Física, não sofrer quase nenhum trato didático, sendo as diferenças mais significativas situadas no plano da participação/interferência dos professores na organização de times – o que é diferente de quando o tema da aula é basquete ou handebol.[5]

No que se refere à arquitetura escolar, ambas as escolas possuem um cenário propício à inserção das práticas esportivas, principalmente do futebol. Contudo, o trato de outras modalidades geralmente requer reorganizações do espaço escolar: em uma das escolas, a quadra, poliesportiva, se presta às mais variadas modalidades esportivas, porém a organização que predomina é a do futebol, para a qual a qualquer momento pode ser usada. Nas aulas cujo temas são outras modalidades esportivas, é necessário adequar os espaços. O vôlei é o de

---

[3] Os seguintes dados de pesquisa mostram a configuração do futebol e do vôlei nas aulas de educação física das escolas pesquisadas. Em uma das escolas, os dados são os seguintes: das 58 aulas observadas, o futebol foi conteúdo exclusivo em 14 e o vôlei, em 4; contudo, o futebol foi tema central em 36 aulas, estando o vôlei presente em 22 delas como uma opção para os alunos. Na outra escola, os dados são os seguintes: das 69 aulas observadas, o futebol foi conteúdo exclusivo em 20 e o vôlei, em 4; contudo, o futebol foi tema central em 63 aulas, estando o vôlei presente em 34 delas, como uma opção para os alunos, ou seja, o vôlei era tema secundário.

[4] Em uma das escolas pesquisadas, o cotidiano das aulas de educação física era dividido entre orientações dos professores para a organização dos grupos para o jogo (futebol e vôlei) e o ensino de fundamentos e regras (basquete e handebol). Na outra escola pesquisada, os professores assumiam a tarefa de entregar materiais (bolas de futebol e vôlei) para que as crianças fizessem uso nas aulas.

[5] No ensino do basquete e do handebol (menos freqüente) é que persistiam formas de trato pedagógico que se aproximavam mais daquilo que os professores (conforme eles destacavam) objetivam para o ensino da Educação Física, ou seja, havia maior coordenação, fragmentação e controle de cada fase da aprendizagem, com exercícios para fixação de regras, de fundamentos e organização das etapas de desenvolvimento do jogo. Assim, enquanto futebol e vôlei fluíam nas aulas sem grandes investidas pedagógicas dos professores (na forma exclusiva de jogo), essas modalidades pareciam ser as que viabilizavam menor resistência por parte dos alunos à sistematização/fragmentação pedagógica, ainda que houvesse resistência a essas práticas nas aulas de Educação Física. A não-familiarização dos alunos com tais práticas, dentro e fora da escola, parecia facilitar o trato metódico desses conteúdos de ensino, mesmo que os alunos insistissem no jogo.

mais difícil organização, sendo o que necessita da aprovação dos professores para a liberação da rede (que divide o campo de jogo), pois esta se encontra guardada na sala de materiais da Educação Física.

Na outra escola pesquisada, a quadra é o espaço intocável do futebol e as práticas de voleibol, jamais realizadas na quadra, exigem dos professores e dos alunos uma adaptação do pátio escolar, lugar em que esses atores instalam a rede, transformando-o em espaço de jogo de vôlei. Como afirma Chervel (1990), as condições materiais da escola incidem sobre os saberes que ela produz. A produção do espaço escolar, ainda que não determinante para a produção das práticas dos sujeitos da escola, parece viabilizar o discurso do esporte como conteúdo de ensino das aulas de Educação Física, mas principalmente do futebol na escola.

Tudo isso aponta como fundamental problematizar a supremacia do esporte nas aulas de Educação Física, mas também a seleção cultural que se dá no interior das práticas esportivas, ou seja, a penetração acentuada de determinados esportes (por exemplo, o futebol) e a ausência de outros na escola. Pareceu-me imprescindível centrar esforços na compreensão das causas desse fenômeno.

DA PAIXÃO NACIONAL À PAIXÃO ESCOLAR: REFLEXÕES ACERCA DA INSERÇÃO DO FUTEBOL NAS AULAS

A hegemonia do futebol em aulas de Educação Física parece estar associada à popularização de tal prática no Brasil. O futebol faz parte do cotidiano dos atores (crianças/adolescentes): em ruas, em quadras públicas e privadas, em campos de futebol e de várzea e nos meios de comunicação, o que não se dá, na mesma intensidade, com nenhuma outra modalidade esportiva.

Diferente do basquete, do handebol e do vôlei, que "exigem" certas condições espaciais e materiais para sua prática dentro e fora da escola, o futebol é um conhecimento adquirido e vivido em outras instâncias sociais, sendo de fácil acesso, principalmente para meninos.[6] Isso é destacado na história esportiva dos meninos e meninas (alunos das escolas):

---

[6] Contradições históricas têm furtado às mulheres uma participação efetiva nas práticas de futebol desde que ele chegou ao Brasil. Contudo o movimento de apropriação do futebol por elas tem sido crescente no país. Exemplo disso foi o uso dessa prática pelas meninas das escolas pesquisadas.

[...] eu cresci [...] jogando futebol com o meu pai, então eu sempre gostei de futebol. (Maria, 1999)[7]

Futebol eu pratico lá, na quadra da escolinha do Nelinho [nome da escola de futebol]. [...] lá em frente à minha casa tem uma pracinha lá, também. Aí a gente ficava jogando. Joga lá, tem um banco, a gente faz o gol no banco [...]. (Luís, 1999)

[...] eu jogo bola é, nas quadras, que tem uma quadra perto da minha casa, também. (Éder, 1999)

Eu acho que foi mais por eu já ter começado a jogar [futebol] desde pequeno já, ficar jogando na rua [...]. (Heberton, 1999)

[...] aí junta os meninos da rua também, a gente tira o time lá e fica jogando futebol lá fora um tiquinho. Até minha mãe me chamar. (Joyce, 1999)

[...] eu jogo futebol aos sábados [...] em um time [...] lá perto da minha casa. (Artur, 1999)

Enquanto para muitas crianças o primeiro contato com certas modalidades esportivas (basquete, handebol e até vôlei) se dá na escola – que, por isso, pode ser considerada como lugar de acesso –, o futebol é uma prática comum no cotidiano dos atores (meninos e meninas) fora da escola, ainda que com enfoques, significados e participações diferenciadas.[8]

É fato que o futebol não é uma prática esportiva como outra qualquer no Brasil, mas uma manifestação esportiva profundamente inserida na cultura. Do espírito aristocrático do final do século XIX, quando foi importado da Inglaterra como prática da elite, o futebol passou por intenso processo de apropriação e popularização

[7] Todos os nomes citados no texto são fictícios.

[8] Convém destacar que observei duas escolas situadas na periferia da cidade (Belo Horizonte), que atende crianças/adolescentes com baixo poder econômico, ou seja, crianças/adolescentes que não tem acesso a "escolinhas" de esportes, clubes e quadras privadas para a vivência dos esportes

na cultura brasileira. À medida que começou a despertar o interesse de diferentes segmentos da sociedade, iniciou-se seu processo de popularização, tomando-se pano de fundo para a explicitação de vários conflitos sociais (Linhales, 1996, p. 85).

Há uma série de argumentos sobre o fenômeno de popularização do futebol, merecendo destaque as considerações de Linhales, segundo o qual "pelas vias da fábrica e da várzea, o futebol implementa o seu processo de popularização para além das organizações e dos clubes de elite" (op. cit., p. 84-91).

O argumento destacado por Vitor Andrade de Melo (2000) para o fenômeno futebol é que essa prática passou a impregnar a cultura brasileira em conseqüência da simplicidade de suas regras. Outras explicações para tal fato pautam-se na facilidade de apropriação e na pouca exigência quanto a recursos materiais e espaciais, podendo ser praticado em ruas, campos, beira de rios (campos de várzea), escolas, em qualquer área plana (Linhales, 1996) e até em área não-plana.

De uma forma geral, também os atores das escolas pesquisadas consideram o futebol uma prática de mais fácil organização e adaptação aos espaços da escola, exigindo menos recursos e habilidades. E, nesse aspecto, chamam a atenção as explicações dos professores para uma possível supremacia do futebol na escola:

> [...] porque é um esporte mais simples, as regras. Então facilita muito. Não tem técnica, né? [...] então eles [os alunos] gostam de coisas mais simples.(Luiz, 1999)

> É o normal deles. [...] Futebol qualquer bolinha serve, de plástico, de pano, de meia serve. Voleibol não serve nenhuma bola. Tem que ser uma bola de voleibol, normalmente. (Andreia, 1999)

> [...] os meninos têm mais... de oportunidade [...]. O que chega mais a eles é... até eles, né, é o futebol, né? Eles têm uma rua para jogar futebol que não precisa de um... não precisa de um gol, né? Não precisa de gol, não precisa de um material, recurso material maior. (Márcia, 1999)

Para a aluna Ana:

> [...] Todos gostam mais na escola [do futebol]. Porque quase ninguém sabe jogar handebol direito, vôlei [...]. O futebol é mais... mais fácil de jogar. O que tem menos regras e as regras são mais fáceis de cumprir. (Ana, 1999)

Como prática de "fácil" assimilação e pouca exigência material e espacial, o futebol entrou para a escola. Acontece, entretanto, que *não se trata de uma modalidade esportiva naturalmente mais fácil que outras, mas de uma prática complexa, culturalmente facilitada*. Outra questão que merece destaque é que, ao contrário do que se pensa, *a facilidade de organização e adaptação desse esporte vem de uma diversidade de usos e apropriações do futebol que culminou, historicamente, em uma menor exigência de recursos materiais e espaciais para a sua produção*.

O futebol faz parte do cotidiano das escolas pesquisadas, em todos os tempos da escolarização. Porém a advertência sobre a responsabilidade da Educação Física no processo de "futebolização" dessa disciplina vem de uma professora, que fala sobre a acentuada manifestação do futebol das aulas:

> [...] acho que é porque ninguém nunca se preocupou com estar introduzindo outros esportes, estar defendendo outro esporte. E aí o que os meninos fazem lá na rua é jogar futebol. Aí trouxeram o futebol lá da rua para a escola [...]. Eu acho que é porque eles sempre fizeram isso. Eles pensam que eles só sabem fazer isso. Aí eles só querem fazer isso. (Andréia, 1999)

Nesse aspecto, as aulas de Educação Física não são mais que uma extensão do recreio, apesar das exceções e das especificidades desse tempo escolar. Assim, os alunos realizam o futebol a partir daquilo que já conhecem.

Para Melo (2000, p. 12), "é importante lembrar que o futebol é um fenômeno mundial". Entretanto convém destacar que essa prática tem significações diferenciadas (assim como usos) em diferentes culturas. É indiscutível, pois, que o futebol se impôs como prática legítima, principalmente do sexo masculino, por todo

o pais.[9] Na escola não foi diferente, haja vista a unanimidade das manifestações observadas.

Como prática escolar, o futebol passou a fazer parte dessa cultura, mesmo antes de se tornar conteúdo da Educação Física.[10] Na condição de *paixão nacional* e de prática cultural legítima, o futebol é assim visto por professores:

> Ah, sem dúvida é o futebol. É a preferência nacional. Agora está sendo tanto dos meninos, quanto das meninas. (Luiz, 1999)

> Futebol tem uma paixão, desperta uma paixão, então passa a ser uma coisa irracional. (Helena, 1999)

E também pelos alunos:

> O Brasil já é um país dominado pelo futebol e todo mundo tem aquela [...], tem aquele incentivo do futebol, entendeu? "– Ah, eu vou jogar futebol de Ronaldinho, Romário". É isso. Todo mundo acaba indo para o futebol [...]. (Pedro, 1999)

> Ah, porque tem mais, o brasileiro gosta mais. [...] Sendo brasileiro... gosto também. Ué! Porque é a paixão nacional [dá uma risada]. (Maria, 1999)

Como esporte mais praticado no Brasil, o futebol tem se constituído em um espaço de lazer das mais diversas classes sociais, sendo idealizado ainda como

---

[9] Silvana Vilodre Goellner (2000, p. 81), "Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser seu domínio de julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal. [...] os argumentos sobre os quais repousam os cuidados com a prática do futebol pelas mulheres recaem, na maioria das vezes, na justificativa que esses é um esporte que além de ser considerado violento, requer um nível apurado de preparação física e técnica. Ou seja, é um jogo para machos". Ana Julia Pinto Pacheco e Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior (1997) destacam que a participação feminina em modalidades como futebol, futebol de salão e futebol de praia só foi estimulada a partir de 1986, pois estava proibido pela Deliberação 7/1965 do Conselho Nacional de Desportos, até então (p.99).

[10] Ver Vago, 1999.

fator de ascensão social, aspecto em que a mídia tem papel determinante. Para um dos professores, o lazer é que move essa definitiva inserção do futebol na escola, sendo uma prática acessível às camadas menos favorecidas:

> Lazer é futebol para eles, lazer é futebol, é jogo. É jogar na rua, entendeu? Discutir futebol, então futebol na escola é o lazer deles. Eles trazem isso para dentro da escola [...]. (Antônio, 1999)

Contudo convém lembrar que o futebol entra em campo não apenas na disputa do território do lazer, do desfrute e do lúdico. Objeto de tensões e interesses, ele é parte das contradições sociais.

Não resta dúvida, portanto, de que a seleção do futebol para as aulas de Educação Física tem a ver com sua projeção/impacto na cultura brasileira. Com isso, a escola sofre influências das políticas culturais mais amplas, das quais ela também é parte. Para um professor e para uma professora de Educação Física de uma mesma escola, o fato de as crianças já chegarem à escola conhecendo futebol serve como suporte à explicação das poucas intervenções pedagógicas que realizam nessas práticas.

> [...] o pouco que a gente tenta ensinar, não é aceito, não. Você pára as meninas que estão jogando bola [futebol] ("– Primeiro vocês precisam de aprender a chutar e tal coisa."). Isso não é só as meninas, não. Os meninos aqui nessa escola é... eles têm muito isso. Eles não querem aprender nada, eles querem saber. É aquilo que eles sabem, eles jogam aquilo. Sempre procuro falar com eles alguma coisa, e tal coisa. Eles não têm interesse de aprender não. Eles querem é saber... mas aprender eles não querem não. (Luiz, 1999)

> No futebol eles não aceitam muito isso não [intervenções docentes], agora, porque já é aquela coisa que jogam. Mas, no handebol, voleibol, no basquete, que é um esporte que eles não fazem muito aqui na escola, ai eles já aceitam essas mudanças. [...] Agora já no futebol, já é mais fechado. [...] Olha, os meninos, eles já vêm como eu falei, no princípio da aula, eles já vêm jogando do jeito deles. Eles querem jogar do jeito deles, não é? (Márcia, 1999)

Esse argumento suporta a não-intervenção dos professores nas práticas de futebol das aulas. Ele faz parte da vida dos alunos e, mesmo atravessando os muros da escola, acaba recebendo mais incisivamente as influências daquilo que crianças/adolescentes vêem realizado na rua e da mídia,[11] do que do trato didático sistematizado. Assim, quando se trata de uma explicação sobre onde os alunos aprendem o futebol, as meninas evidenciam a escola como espaço privilegiado de vivência. Contudo, assim como os meninos, dizem obter acesso a esse conhecimento por meio da mídia e dos colegas, dentro e fora da escola. Para Paulo, um jogador de futebol assíduo na escola:

> Na televisão [aprende futebol] porque você assistindo você pode aprender alguma coisa, através dos jogadores. (Paulo, 1999)

O futebol é organizado e praticado em conformidade e em tensão constante com outras instâncias sociais, mesmo que isso não faça parte de um projeto pedagógico da Educação Física. Assim, as crianças trazem para o interior das aulas experiências adquiridas no fazer diário, além de normas e valores disseminados pelos meios de comunicação. Entretanto outros valores e normas próprios da escola também influenciam o futebol nas aulas de Educação Fisica. Trata-se de códigos da organização escolar, muitas vezes tênues e sutis, que passam a impregnar as práticas dos diversos atores, diferenciando-as. Sendo assim, nas aulas de Educação Física, o futebol:

1) É assegurado como direito também das meninas na escola

2) É o tempo escolar em que há maior acesso das crianças excluídas em outros tempos escolares (recreio, horário de entrada e saída).

3) Revela pouca violência, pois o professor possui o papel de mediador das tensões, em função do bom andamento da rotina escolar.

4) Obedece a regras e princípios escolares: tempo e espaços apropriados. Há o discurso/lei do uso do uniforme para realização da aula, a cobrança de participação e freqüência nas aulas de Educação Fisica e a "não-cobrança" de resultados.

---

[11] Escudos sobre esporte e mídia revelam não mais ser possível discutir esporte sem incluí-la no debate, pois o esporte é hoje uma mercadoria idêntica a qualquer outra (Uwe Muller, 1996).

5) Determina a organização de grupos mistos em alguns jogos de futebol: meninos e meninas numa mesma prática.

6) Permite a avaliação dos alunos acerca da assimilação de condutas desejadas na escola.

Todas essas influências acabam por caracterizar o futebol nessas escolas. Ao apontar a diferença entre o futebol das aulas, o das ruas, o das "escolinhas" de esportes e o dos clubes, as duas professoras se baseiam nos seguintes argumentos:

> O futebol da Educação Física a gente tenta que seja um pouco diferente. Agora, que tipo de diferença é essa? É dar oportunidade para outras pessoas estarem jogando. É envolver as meninas junto com os meninos. Não ficar tão preocupado é... com o número de jogadores, se tem cinco de um lado, tem que ter seis do outro [...]. (Andreia, 1999)

> [...] aqui na escola quando eles vêm com uma peladinha, aí a gente impõe algumas regras, né? A gente impõe regras básicas do jogo. [...] E na aula de Educação Física... considerando que a gente dá maior liberdade, né?, delas [as meninas] estarem trabalhando com o erro, com a questão mesmo, né, do estar sempre avançando e tal. [...] eles não tem tanto medo de errar [nas aulas de Educação Física]. (Márcia, 1999)

Com aproximações e distanciamentos do futebol organizado/produzido em outros âmbitos sociais, essas práticas, nas escolas, não estão imersas na mesmice. Pelo contrário, são dinâmicas e se constituem, na precariedade da escola, a partir da criação de novas maneiras de jogar nas aulas de Educação Física. E isso é relatado por dois atores da escola – professora e aluno:

> Ó, o que eles criam às vezes é a baliza, né? O gol, né? Que eles... uma hora eles fazem o gol de sapato, outra hora eles fazem com um pneu. às vezes camisa, né? Então isso aí é o modo que eles improvisam, e... agora assim, como eles jogam é mais ou menos da mesma forma que se joga na quadra mesmo, né? Ou que eles assistem na televisão e tal, é mais ou menos a mesma coisa. (Márcia, 1999)

> [...] nós... fazemos os gol com pneu, né?, e... soltamos a bola e jogamos, né?. (Heberton, 1999)

Mas não só da adaptação ao espaço/tempo e aos recursos escolares sobrevive o futebol das aulas de Educação Física. A observação do cotidiano coloca em evidência outras formas de realizar essa prática que, se por um lado, se aproximam dos princípios do futebol (jogado com os pés), por outro é uma organização diferenciada (dando forma de outro jogo) que meninos e meninas reconhecem como futebol:

> Tem um toque... que é um goleiro e cada um vai dando um coque, tem que chutar para o gol. [...] tem chute a gol, que é um goleiro num gol, outro goleiro, você pega a bola e tenta fazer gol. Tem um outro também, que eu não sei o nome, que é dois, dois goleiros e é um jogador... aí você chuta e se o goleiro espalmar a bola, aí pode pegar o seu outro colega e driblar o goleiro e fazer gol. [...] É futebol. (Eder, 1999)

> [...] é um tal de tabelinha, [...] é controlinho, gol a gol... tem várias coisas. [...] tudo isso é futebol... a bola no chão, no pé, futebol. (Eliane, 1999)

Como sinônimo de aulas de Educação Física e tempo de lazer (denominação dada pelos atores), o futebol está associado aos significados de prazer, exceto para os alunos que não gostam dessa prática ou são excluídos dela. Assim o reconhece a professora Helena e uma aluna da escola:

> Nossa, representa [o futebol] acho que assim... o prazer, né? Representa toda a questão do prazer para eles. Ontem um aluno falou para mim: "– Professora, nós estamos pensando desde o primeiro horário em futebol." Porque tinha uma bola nova de couro aqui, toda costurada, eles... o menino abraçou a bola, você acredita? [...] para eles é o máximo [o futebol], representa o máximo, sabe. Eu acho que é... eles ficam em êxtase com o futebol. É isso que a gente está vendo aí. (Helena, 1999)

> [...] agora o futebol é o que tem! É mais divertido, você corre, você se diverte, você faz passe, você faz gol. Ah, é muito bom. Eu gosto mais de futebol. (Eliane, 1999)

Ligado ao prazer, mas também a tensões, exclusões, discriminações e divergências de interesses, o futebol é, pois, uma demonstração explícita da necessidade do lúdico no contexto escolar e, nesse sentido, parece cumprir o seu papel.

Ele passa a compor as aulas de Educação Física também a partir de encenação do futebol oficial, esporte em que os ídolos representam o sucesso dos torcedores. Para Paulo César Carrano (2000), além do campo simbólico, da paixão pelo esporte e do prazer corporal do movimento, o futebol é parte de um contexto de disputas ideológicas. Segundo o autor, o futebol "pode tanto desenvolver a paixão criadora, o espírito coletivo da disputa ética, o *fair-play*, quanto estimular a idolatria, a competitividade individualista e o amor ao dinheiro e às mercadorias" (Carrano, 2000, p. 109-110).

De fato, muitas vezes os alunos chegam a repetir atitudes mostradas pela mídia. Algumas crianças/adolescentes, por exemplo, jogam futebol em meio a encenações das jogadas e situações de desrespeito apresentadas/afirmadas na televisão. É o caso de, em situação de rivalidade e competição, alunos imitarem Edilson – jogador profissional que faz embaixadas e peripécias com a bola –, o que é interpretado como desrespeito ao adversário.[12]

Mas os meninos gostam muito de repetir lances dos jogos oficiais. É que as crianças têm seu ídolo como referência e, imitando-o, inventam jogadas e brincam de ser estrelas do futebol, narrando os próprios jogos.

Acontece que, na escola, as encenações não podem ser reduzidas a significados de mera alienação dos sujeitos envolvidos com o futebol, principalmente como torcedores. Imitar um lance bonito ou simplesmente imaginá-lo produz práticas de prazer e ludicidade. Então esses alunos passam a ser os sujeitos/autores das jogadas de seus ídolos:

> [faz imitação] Do Ronaldinho e do Nunes [fala sorrindo e com empolgação]. Cisma lá, depois nós fazemos time. Eu sou o Alex Alves, o outro é o Atlético, o Marco. Aí imita e fala que é. (Heberton, 1999)

---

[12] Situação que ganha destaque na mídia no ano de 1999 – ano de realização da pesquisa de campo.

> [...] os cortes do esporte, as pessoas acham bonito, aí todo mundo quer fazer igual, né? Igual àqueles que a gente vê no jogo do Brasil [...] ("– Você viu? Você viu aquela de letra?"). Aí as pessoas querem fazer igual. Acham bonito ou querem falar que é um jogador que joga muito ou que é artilheiro. [...] É gostoso, é gostoso sim você falar que é jogador [profissional], falar que fez um gol igual ao de um jogador, que você joga igual a ele [...]. (Eder, 1999)

O futebol (assim como outros esportes) não deve ser interpretado, na escola, como cópia irrefletida do futebol apresentado na televisão, nos intermináveis campeonatos. Na brincadeira de ser jogador profissional, pelo contrário, as crianças criam imagens e práticas de um futebol acessível ao jogador comum. Trata-se de momentos singulares de alegria e de glória, para esses atores, no cotidiano das aulas de Educação Física.

Como prática que possui a capacidade de abstrair os sujeitos das mazelas sociais, o futebol não deve ser adjetivado de "ópio do povo".[B] Seu poder criador (pouco estudado) está nas minúcias de uma prática que historicamente mobiliza interesses populares e efervesce as tensões no campo de políticas sociais de direito ao esporte. Nesse aspecto, concordo com Waldenyr Caldas (1994), que afirma não ser linear o futebol. Para o autor, qualquer análise ideológica desse fenômeno tem de levar em conta o seguinte argumento:

> [...] não é o futebol em si nem enquanto manifestação lúdica nacionalmente consagrada que aliena, que desvia a sociedade dos seus problemas mais urgentes. Esse fato decorre sim, do uso ideológico que o Estado

---

B. Em entrevista, o jornalista esportivo Juca Kfouri (2000, p. 61 - 62) mostra alguns aspectos revolucionários do futebol que merecem destaque: "Foi num campo de futebol que se abriu, pela primeira vez, na História, uma faixa pela anistia aos presos políticos brasileiros; foi no Morumbi, com cem mil pessoas, num jogo entre Corínthians e Santos. E por que num campo de futebol com cem mil pessoas? Porque não dava para a polícia chegar lá em cima, e prender todo mundo; quando a polícia chegou a faixa já havia desaparecido. Foi num campo de futebol, no Estádio Nacional de Santiago, na primeira partida depois que o estádio foi liberado, após servir de prisão por dois anos e meio, no Estádio onde morreram patriotas chilenos e brasileiros, que houve um apagão, a primeira manifestação por liberdade, durante a ditadura Pinochet. Quando as pessoas se deram conta, estava tudo apagado, e começou um canto: "libertad, libertad, libertad..." Havia sessenta mil pessoas no jogo entre o Universidad Católica e o Colocolo, e seria impossível colocar sessenta mil pessoas dentro de camburões".

possa fazer desse esporte, como faria de outra manifestação que tivesse força popular idêntica [...]. (Caldas, 1994, p. 46)

As práticas desses atores, com a multiplicidade de interpretações, significados e usos nas aulas, não podem ser explicadas por análises totalizantes e homogeneizadoras. Objeto de alienação e de históricas produções de resistências, o futebol parece ser uma manifestação escolar que faz os sujeitos dos discursos da eficiência e da ordem escolar terem de conviver com a necessidade de práticas corporais lúdicas na escola – ainda que em um tempo/espaço reduzido da escolarização e/ou na subversão da ordem.

De fato, não resta dúvida de que a significação cultural do futebol justifica a sua inserção nas aulas. Contudo é importante apontar que as aulas de Educação Física podem (e devem) ser um espaço de apropriação de outras práticas culturais, nem somente esportivas, nem somente futebol. Há uma riqueza de práticas que merecem passar pelo crivo escolar, pois são produtos da cultura que já fazem parte da seleção de conteúdos em propostas de Educação Física formalizadas no país (o jogo, a ginástica, etc.). Outra questão importante é o descaso docente com o trato do futebol. Em nenhuma das escolas pesquisadas, este é alvo de problematizações e questionamentos, em relação à sua inserção cultural ou a outras possibilidades de uso por parte dos docentes.

Enfim, revitalizar discursos estáticos sobre o futebol (e sobre o esporte) na escola é uma forma de reprodução e também de negação dos sujeitos como produtores de práticas sociais, de história. Concordar com a idéia de que o futebol nas aulas de Educação Física é mera reprodução dos interesses da sociedade capitalista é negar a riqueza dessas culturas e a dinâmica do cotidiano de escolas onde, em vários momentos, convivi com práticas que ultrapassam modelos e interpretações deterministas. E, em se tratando de usos e apropriações, retomo à aluna Eliane, para quem "*o bola no chão, no pé, é futebol*", e recorro às reflexões sobre essa prática na interpretação de Eduardo Galeano:

> Queira-se ou não, acredite-se ou não, o futebol continua sendo uma das mais poderosas expressões da identidade cultural, que, em plena era da globalização hegemônica, recorda que o melhor do mundo está na quantidade de mundos que o mundo contém. (2000, p. 119)

"Bali in the ground, in the foot, is soccer":
of the school passion to the national passion

ABSTRACT: This is research's part that understand the production of use and meaning of the sport at school. Research that developed, among a lot of appropriation, tension and ambiguous of the school sport, a insertion of the football in the daily of the Physics Education class – in very moments the sport in the class is football – it have been marked by practices of competitions and games.
KEYWORDS: football, culture, school, appropriation.

Pelota en la tierra, en el pie, es fútbol":
de la pasión nacional a la pasión escolar.

RESUMEN: Este texto es porte de una investigación que buscaba para entender la producción de usos y significados dei deporte en la escuela. El estudio reveló, dentre las muchas apropiaciones, tensiones y ambigüedades del deporte escolar, una inserción acentuada dei fútbol en el periódico de las clases de educación física - en muchos momentos el deporte en las clases es sinônimo de fútbol -, siendo él marcaron para las prácticas de la competición y ludicidade.
PALABRAS CLAVE: Fútbol; Cultura; Escuela; Apropiación.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. *O esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de Educação Física nas escolas de segundo grau* **In: ENCONTRO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS TÉCNICAS FEDERAIS, 1, 1995, Ouro Preto.** *Resumos...* **(mímeo.)**

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista da USP,* **Dossiê futebol, São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994.**

CARRANO, Paulo Cesar. Ronaldinho: idolo esportivo ou mercadoria global? In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* **paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.**

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano:* **artes de fazer. 2. ed. Trad. E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.**

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência:* aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHERVEL A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GALEANO, Eduardo. Depois do mundial futebol em pedacinhos. In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GOELLNER, Siivana Vilodre. Pode a mulher praticar futebol?. In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KFOURI, Juca. O futebol entre palcos e bastidores. In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política do esporte no Brasil:* interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, Vítor Andrade. Futebol: que história é essa?. In: CARRANO, Paulo Cesar (org.). *Futebol:* paixão e política. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MULER, Uwe. Esporte e mídia: um pequeno esboço. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 212-219, maio 1996.

PACHECO, Ana Júlia & CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira. Jogos Olímpicos de Atlanta 1996: a imprensa e o "futebol de saias" do Brasil. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 95-108, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos:* educação physica e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920). 1999. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Recebido: 27 de Fevereiro de 2003.
Aprovado: 2 de abril de 2003

Endereço para correspondência
E-mail: eliene.faria@bol.com.br